

## O HOMEM E A CONSTRUÇÃO DE SUA HUMANIDADE

Cleiton Santos Nunes\*

---

**RESUMO:** Este artigo reflete sobre a ideia da humanidade no homem. Visamos demonstrar que o ato de existir para o homem pode implicar em alguns questionamentos, tais como: o que quer dizer existir? Para que existir? Como existir? Instigando a possibilidade de ser para o homem enquanto uma construção subjetiva, feita por cada indivíduo de forma autônoma e singular, em meio as suas experiências, queremos demonstrar a sua incompletude bem como o seu potencial de criar e recriar cultura.

**PALAVRAS-CHAVES:** Existir. Homem. Humanidade.

---

“O homem é o animal doente”, “o animal ainda não fixado”.  
“Percorrestes os caminhos, do verme ao homem e muita coisa em vós ainda é verme. Outrora éreis macacos e mesmo agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco... O homem é um cabo, preso entre o animal e o super-homem, — um cabo sobre um abismo.

(Nietzsche)

### 1 INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende discutir sobre a construção da humanidade do homem e a tarefa que o pensamento se propôs ao longo dos séculos em conceber tal construção. *Grosso modo*, ser homem é aquilo que pode ser entendido enquanto ser cultural, membro de um determinado grupo. A humanidade do homem, por outro lado, é fruto das escolhas do homem e concretizações, no interior das contradições materiais, sociais e culturais. Em outras palavras, parafraseando Paul Ricoeur, como passar daquilo que qualquer indivíduo é para tornar-se propriamente aquilo que cada indivíduo é? Isto é,

---

\* Graduando do curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: ns\_zeus@hotmail.com. Membro do grupo de pesquisa: Ética e Educação em Kierkegaard e Paulo Freire, coordenado pelo prof. Jorge Miranda de Almeida.



como retirar o indivíduo da generalidade, da objetividade, para a singularidade da existência e a subjetividade?

A tentativa de se encontrar um conceito conclusivo que pudesse definir o homem, sempre desemborcou em mais perguntas que respostas e o resultado são a diversidade de definições sobre o que é o homem. O Gênesis bíblico, por exemplo, adotou uma visão em que o homem surge como um indivíduo superior às demais espécies da vida animal. Tal superioridade, além de demarcar a diferença entre homem e animal, através da sua origem criacional, estabelece o direito de domínio e uso do homem sobre os animais. O poeta grego Píndaro, há mais de dois mil anos atrás, definiu o homem numa visão dualista, na sua contradição sombra-luz, enquanto para Platão o dualismo está relacionado à sua concepção “dualista” do universo: sensível e supra-sensível. Na modernidade, Marx e Engels concluirão que aquilo que os indivíduos são depende das condições materiais da sua produção. Na visão destes dois autores o homem é um produto do meio, fruto das relações estabelecidas entre ele e sua produção material, através do trabalho.

Para muitos cientistas o homem é um ser com comportamentos e perspectivas determinados pelo seu organismo. Com base nesta teoria, a sociedade atual forja uma ideia de homens como máquinas de sobrevivência, tecnologicamente programáveis para adaptação, reprodução e preservação do seu corpo na sociedade. Para o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, o homem é descrito como relação e tal relação se estrutura a partir da relação que exerce consigo mesmo e com os outros. Frente a tamanhas controvérsias, perdura a questão do homem, bem como os caracteres que o definem como humano em meio à existência. Fora isso, em todas essas abordagens, fica em aberto o modo como acontece a construção da humanidade do homem.

Diante dessa gama de correntes interpretativas, notamos que a pergunta pelo homem e pela sua humanidade continua questões em aberto. A filosofia, por seu turno, propõe problematizar do ato de *existir*, onde o homem realiza-se como tal, no interior de uma sociedade que cotidianamente nega a homens e mulheres o encontro consigo mesmos. Ao negar o encontro do homem com a sua humanidade, a sociedade impõe aos indivíduos um conjunto de regras e modos de vida que tem por finalidade ditar o seu



comportamento. Resta saber se as imposições sociais, através do vestir, comer e pensar visam a humanização do homem ou contribuição para sua animalização. Na atualidade, não estamos mais próximos da destituição do caráter e da dimensão do tornar-se pessoa em sua unicidade e singularidade para tornar-nos animais de rebanho como descreve Nietzsche?

## **2 O ATO DE EXISTIR PARA O HOMEM**

Frente à barbárie, a impunidade e a banalidade do mal, visível no imenso número de crueldades praticadas pelo homem e na freqüente desconstrução do homem perpetrada pelo sistema econômico vigente, existir, enquanto homem, tornou-se o grande desafio. Justificar a existência, através da expressão de uma identidade própria, enquanto expressão da humanidade do homem tornou-se uma tarefa cada vez mais árdua. De um lado, a sociedade impõe um modelo da mesmidade e da uniformidade – modelos, amplamente, criticados pela Escola de Frankfurt; de outro há uma urgente necessidade do resgate da humanidade do homem para evitar o colapso da falta de sentido do existente no interior da existência.

O mundo a cada momento generaliza o indivíduo, nega-o enquanto individualidade dissolve o seu *eu* em meio à multidão, desumaniza-o, e como afirma Kierkegaard a “este desesperado esquece se a si próprio, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho” (KIERKEGAARD, 1979, p. 210). E misturado à massa que compõe a sociedade e caracteriza o mundo atual. Quando o indivíduo é diluído à massa, ele perde o que tem de mais importante, perde a si mesmo, pois não se reconhece como uma singularidade. O oposto é verdade, ou seja, quando ele se diferencia de tudo, ganha a si mesmo, torna-se um eu, ganha uma personalidade.

Esta experiência fundamental exprimimos com a palavra “eu”. Cada um de nós se experimenta como este “eu”, único e irreptível. Quando perguntamos: O que é o homem?, então perguntamos conjuntamente: O que sou eu? Não atingiríamos o



que é propriamente ser homem, se cada um de nos não se conhecesse e compreendesse como um “eu”, se não tivesse esta auto-experiência original (RABUSKE, 1995, p. 68).

O poeta grego Píndaro, em uma de suas Odes, afirma: “Torna-te aquilo que tu és”, a primeira vista parecer-nos-ia um grande paradoxo, pois como pode uma pessoa vir a ser? Como exigir que o que já é (existe), tenha que tornar-se? O poeta, entretanto, penetrando profundamente na questão do ser, afirma o essencial, mas afirma também que o ser humano é uma construção e não uma condição essencial. Por isso a importância da experiência original e fundamental do existir como eu, descrita por Rabuske, pois é através das experiências que o homem pode realizar – explicitar – a humanidade que carrega em si como essência.

O fato, natural e biológico, de nascer humano daria propriamente às mulheres e homens o acesso a humanidade caso o homem fosse determinado como são os animais e as plantas. Mas não é bem assim que ocorre. A construção da humanidade, aquilo que diferencia e distancia o homem da sua determinação biológica, se realiza através da busca e realização de sua própria singularidade, no cadinho das experiências sociais e individuais. O homem vai alargando o seu ser à medida que se compreende como ser naturalmente incompletos e, ao mesmo tempo, capaz de construir e reconstruir a si mesmos. Superar o elemento meramente biológico que torna possível sua existência corporal, através da construção de sua subjetividade, capaz de libertar-se das amarras e moldes que o sistema impõe diariamente à sua existência, eis o processo de humanização.

### **3 A HUMANIDADE COMO TAREFA EXISTENCIAL**

Assumindo a tese que o homem é um ser incompleto e que sua humanidade é uma construção a partir do relacionar-se-com, somente mediante a escolha por si mesmo, isto é, pela ipseidade do eu é que o homem opta pelo outro, daí o homem que opta pela liberdade do seu existir, conseqüentemente, escolhe doar-se ao outro, e assume a responsabilidade de estar atento às dificuldades do outro. Tal prática é



verdadeiramente um esforço. Empenhar-se na extinção do individualismo mesquinho que rebaixa o homem à mera condição de animal é um ato de primeira necessidade para a concretização da sua humanidade e, conseqüentemente, da instauração da justiça, da dignidade e da seriedade perante a vida.

É necessariamente, na responsabilidade para com o outro, que é possível superar as relações de descartabilidade entre os indivíduos. Ou optamos, incondicionalmente, pelo outro ou permaneceremos eternos reféns da decadência humana e do vazio existencial. Portanto, optar pela liberdade é assumir o sentido ético de doar-se ao outro, pois o empenho em tornar-se livre não é uma qualidade fechada em si mesmo, “mas uma qualidade com a qual e na qual tu és para os outros” (KIERKEGAARD, 2005, p. 255).

Tornar-se um eu, para além das idéias admitidas e do comportamento vigente das massas, exige uma força de afirmação da autenticidade. Tal movimento, contudo, não se encerra naquele que cultiva sua diferença, pois cultivar a interioridade não significa fechar-se em si próprio. A ação de afirmar-se enquanto singularidade, em termos kierkegaardianos, pressupõe um comprometimento ético, ou seja, é necessário assumir na própria interioridade uma responsabilidade incondicional em favor do outro. A existência, a passagem da vida biológica à humanização, se afirma a partir do ser existente, quando este vivencia o dever ético como dimensão fundante da relação humana.

O ato de existir implica alguns questionamentos, tais como: o que significa existir? Para que existir? Como existir? Quando o filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte sugere que o sentido da espécie humana não consiste apenas em ser racional, mas em tornar-se racional, conceito muito parecido com o do poeta Píndaro, ele nos dá indícios de que este “tornar-se racional” pode ser entendido em uma escala de construção processual. O que Kierkegaard acrescenta à reflexão elaborada por Fichte? Não é suficiente tornar-se racional, pois guerras, assassinatos mirabolantes, extermínios de povos e culturas são praticados de maneira extremamente racional, fria e calculista. O pensador dinamarquês propõe, então, tornar-se homem, pois o que lhe é oferecido – no nascimento, através da doação da vida – é um dom e, enquanto tal, é a possibilidade de



ser homem. Concretizar esse dom, passar da vida ao existir, eis a tarefa que só se concretizar mediante a escolha e decisão pessoal.

É então esta busca incessante por um vir a ser melhor paralelo a um mergulho na cultura que dá ao homem a possibilidade do reconhecimento de si mesmo enquanto ser singular e capaz tanto de imprimir significado à realidade que o cerca quanto de modificar esta mesma realidade. Dessa forma, efetivando o encontro de sua singularidade com as outras singularidades, o homem compõem a sociedade impelindo as pessoas nesta eterna busca pela sua identidade e com ela a efetivação de sua própria humanidade. Nesse sentido, em termos kierkegaardiano, o homem é um ser em relação. Ele não é historicamente determinado e muito menos um ser fora da história. Sua essência é realizar a sua tarefa: tornar-se singular.

O homem que assume a categoria de existente e dessa forma opta pela humanização do seu *ser* conseqüentemente assume o compromisso de estabelecer uma relação dialógica consigo mesmo e com o outro. Tal prática é verdadeiramente uma tarefa. Empenhar-se na superação do individualismo mesquinho que converte a si mesmo em “um número, mais um ser humano, mais uma repetição de um eterno zero” (KIERKEGAARD, 1993, p. 636), é um ato de primeira necessidade para a concretização de sua humanidade. É necessariamente na responsabilidade para consigo mesmo e para com o outro que é possível superar as relações de desumanização entre as pessoas. Ou optamos estabelecer um diálogo sincero com o outro ou aceitamos a condição de ser apenas um número na multidão e eternamente refém da decadência humana e do vazio existencial. A abertura, a busca pela realização da hominidade do homem está centrada na relação e no diálogo. Essa compreensão do homem encontra eco na letra do *Prefácio* do livro *Pedagogia do oprimido*, assinado por Ernani Maria Fiori:

O monólogo, enquanto isolamento, é a negação do homem; é fechamento da consciência, uma vez que consciência é abertura. Na solidão, uma consciência que é consciência do mundo, adentra-se em si, adentrando-se mais em seu mundo, que, reflexivamente, faz-se mais lúcida mediação da imediatez intersubjetiva das consciências. A solidão – não o isolamento – só se mantém enquanto renova e revigora as condições do diálogo (FREIRE, 2005, p. 7).



Desta forma, a medida que os homens ficam *anestesiados* no seu poder Crítico-reflexivo, estaram impedidos de libertar-se da desumanização imposta, pois a partir de um processo extremamente eficaz de domesticação do pensar, através do qual o indivíduo acaba não optando pela própria negação de si e legitimando uma visão domesticadora da consciência como espaço vazio que deve ser preenchido. Mas, preenchido pelo que?

Não há, porém, humanização na opressão, assim como não pode haver desumanização na verdadeira libertação. Mas, por outro lado, a libertação não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, senão na práxis dos homens dentro da história que, implicando na relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação (FREIRE, 1981, p. 80).

Portanto, optar pela humanidade latente em nós é assumir uma postura dialogal entre o *eu* e o mundo que nos cerca, constituindo-nos autenticamente e ressignificando este mesmo mundo em um movimento que gradativamente nos distancia da massa com seus conceitos e promove o retorno ao caminho da interioridade.

#### 4 CONCLUSÃO

Ao concluirmos este ensaio reafirmamos aqui a idéia inicial de que para a comunidade científica, bem como para os donos do capital o homem é um ser com comportamentos e perspectivas determinados pelo seu organismo e pela sua psique. Dessa forma, definem o homem como seres programáveis para atender a um cruel sistema de estímulo e resposta, onde as pessoas são dissociadas da sua dimensão singular para a interiorização de um modelo predefinido de homem, com necessidades e anseios previamente construídos para atenderem a um pequeno e seletivo grupo que deseja ditar as regras válidas para a sociedade.

Diante de tais perspectivas o ser humano, a construção e efetivação de sua humanidade são questões que merecem reflexão profunda e constitui de suma importância a sua problematização. Na medida em que forem problematizadas tais estruturas opressivas, como sugere Freire, a humanização deve permitir aos indivíduos a tomada de consciência possibilitando-lhes uma visão mais clara de si e do seu papel



nesta sociedade que, cotidianamente, impõe as pessoas um conjunto de regras e conceitos que tem por objetivo “domesticar” as pessoas impossibilitando-as da realização a sua singularidade, a sua humanidade.

A partir destes conceitos, propõe-se a realização de pesquisas capazes de constatar como em pleno século XXI, podemos definir a concepção do tornar se homem e meio a uma sociedade que tende a desumanizá-lo. Faz-se necessário o encaminhamento de estudos capazes de estabelecer melhor compreensão dos conhecimentos aqui discutidos. Cabe à educação, à filosofia, aos intelectuais e demais interessados estabelecer debates e reflexões a respeito do tema. Propomos um repensar sobre a concepção de homem a construção de sua humanidade.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981.

KIERKEGAARD, Soren. **Obras do amor**. Petrópolis: Vozes. 2005.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. São Paulo. Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

\_\_\_\_\_. **Opere – La malattia mortale**. Milano: Sansoni, 1993.

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.



Revista Pandora

Cleiton Santos Nunes

<http://lattes.cnpq.br/7736430043704240>

